

A Françoise achava insípido o chilrear matinal dos pássaros. Cada palavra das «criadas» a punha em sobressalto; incomodada pelos passos que davam, punha-se a pensar neles; é que tínhamos mudado de casa. É claro que os criados não se agitavam menos no «sexto» da nossa antiga casa; mas esses, ela conhecia-os; fizera das suas idas e vindas coisas amigáveis. Agora, até ao silêncio prestava uma atenção dolorosa. E como o nosso novo bairro parecia ter tanto de calmo como o bulevar para onde dava a nossa casa anterior tinha de barulhento, a canção de um homem que passasse (nítida mesmo ao longe, quando ténue, como um motivo orquestral) fazia vir lágrimas aos olhos da Françoise exilada. Por isso, embora eu tivesse troçado dela, que, desolada por se ter visto obrigada a deixar um prédio onde éramos «tão estimados por toda a parte», fizera as malas a chorar, em conformidade com os ritos de Combray, e declarando que a casa que fora nossa era superior a todas as casas possíveis, eu, que assimilava as coisas novas com dificuldade igual à facilidade com que abandonava as antigas, aproximei-me contudo da nossa velha serva quando vi que a instalação numa casa onde não recebera da parte do porteiro, que ainda não nos conhecia, as provas de consideração necessárias à sua boa nutrição moral, a mergulhara num estado próximo do definhamento. Só ela me podia compreender; não seria certamente o seu jovem criado a fazê-lo; para ele, que era tão pouco de Combray quanto possível, mudar de casa, ir viver para outro bairro, era como que fazer umas férias, em que a novidade das coisas causava o mesmo descanso de como se tivéssemos viajado; julgava-se no campo; e uma constipação trouxe-lhe, como um «golpe de ar» apanhado numa carruagem em que o vidro fecha mal, a deliciosa impressão de que tinha visto terras; a cada espirro rejubilava por ter encontrado uma colocação tão boa, ele que sempre desejara padrões que

viajassem muito. E assim, sem pensar nele, fui direito à Françoise; como me rira das suas lágrimas por ocasião de uma partida que me deixara indiferente, ela mostrou-se glacial para com a minha tristeza, porque a partilhava. Com a pretensa «sensibilidade» dos nervosos aumenta o seu egoísmo; não podem suportar da parte dos outros a exibição das aflições a que em si mesmos prestam crescente atenção. A Françoise, que não deixava passar a mais pequena das que experimentava, quando era eu que as sofria virava a cabeça, para não deixar que eu tivesse o prazer de ver lamentado, ou mesmo notado, o meu sofrimento. Foi o que fez quando lhe quis falar da nossa nova casa. De resto, tendo tido que ir, passados dois dias, buscar umas roupas esquecidas à casa que havíamos deixado, quando eu, em consequência da mudança, tinha ainda «temperatura» e, como uma jibóia que acaba de engolir um boi, me sentia penosamente esmagado por um comprido baú que os meus olhos tinham que «digerir», a Françoise, com a infidelidade das mulheres, regressou dizendo que quase sufocara no nosso antigo bulevar, que para lá ir se sentira completamente «perdida», que nunca vira umas escadas tão pouco cómodas, que «nem por um império» e nem que lhe dessem milhões — hipótese gratuita — voltaria a morar lá e que *tudo* (isto é, o que dizia respeito à cozinha e aos corredores) estava muito mais bem «arrumado» na nossa nova casa. Ora, é tempo de dizer que esta — e tínhamos vindo morar para ali porque, como a minha avó não andava muito bem de saúde, razão que havíamos evitado revelar-lhe, precisava de um ar mais puro — era um apartamento que constituía uma dependência do palacete de Guermantes.

Na idade em que os Nomes, por nos oferecerem a imagem do incognoscível que neles vazámos, justamente porque designam também para nós um lugar real, nos forçam por isso mesmo a identificar um com o outro, a tal ponto que numa cidade partimos à procura de uma alma que ela não pode conter mas que já não temos o poder de expulsar do seu nome, não é apenas às cidades e aos rios que eles conferem uma individualidade, como acontece com as pinturas alegóricas, não é apenas o universo físico que matizam de diferenças, que povoam de maravilhoso, é também o universo social: então, cada solar, cada palácio ou palacete famoso, tem a sua dama ou a sua fada, assim como as florestas têm os seus génios e as águas as suas divindades. Por vezes, oculta no fundo do seu nome, a fada transforma-se em conformidade com a vida da nossa imaginação que a alimenta; e assim era que a atmosfera em que a senhora de Guermantes existia em mim, depois de durante anos não ter passado de um reflexo num vidro de lanterna-mágica e de um

vital de igreja, começava a desvanecer as suas cores, quando sonhos muito diferentes a impregnaram da espumante humidade das torrentes.

No entanto, a fada definha se nos aproximarmos da pessoa real a que o seu nome corresponde, porque o nome dessa pessoa começa então a reflecti-la, e ela nada contém da fada; a fada pode renascer se nos afastarmos da pessoa; mas, se nos mantivermos junto dela, a fada morre definitivamente, e com ela o nome, como aquela família de Lusignan que haveria de extinguir-se no dia em que desaparecesse a fada Melusina. Então o Nome, sob cujos retoques sucessivos poderíamos acabar por encontrar na origem o belo retrato de uma estrangeira que nunca teríamos conhecido, não é mais que o simples cartão de identidade fotográfico a que nos reportamos para saber se conhecemos, se devemos ou não cumprimentar a pessoa que passa. Mas basta que uma sensação de um certo ano em outros tempos — tal como aqueles instrumentos musicais gravadores que conservam o som e o estilo dos diferentes artistas que os tocaram — permita que a nossa memória nos dê a ouvir esse nome com o timbre especial que tinha então para o nosso ouvido, e logo nesse nome aparentemente inalterado sentimos a distância que separa os sonhos que as suas sílabas idênticas significaram sucessivamente para nós. Por um instante, do gorjeio de novo ouvido que ele tinha em certa antiga Primavera, podemos retirar, como dos tubos de tintas de que nos servimos para pintar, a tonalidade perfeita, esquecida, misteriosa e fresca dos dias de que havíamos julgado lembrar-nos quando, como os maus pintores, dávamos a todo o nosso passado estendido sobre uma mesma tela os tons convencionais e uniformes da memória voluntária. Ora, pelo contrário, cada um dos momentos que o compuseram utilizava, para uma criação original, numa harmonia única, as cores de então que deixámos de conhecer e que, por exemplo, ainda me arrebatam de repente quando, por um acaso qualquer, o nome Guermantes, ao recuperar por um instante, depois de tantos anos, o som, tão diferente do de hoje, que tinha para mim no dia do casamento da menina Percepied, me devolve aquele rosa-malva tão suave, imensamente brilhante, imensamente novo, que aveludava a gravata tufada da jovem duquesa, e, como uma pervinca inatingível e re florida, os seus olhos ensolarados por um sorriso azul. E o nome Guermantes de então é também como um daqueles pequenos balões que se encheram de oxigénio ou de outro gás: quando consigo rebentá-lo, fazer sair dele o que contém, respiro o ar de Combray daquele ano, daquele dia, misturado com um aroma a espinheiro agitado pelo vento da esquina da praça, precursor da chuva, que alternadamente punha o sol a voar e o

deixava alongar-se pelo tapete de lã vermelha da sacristia, revestindo-o de uma carnação brilhante, quase rósea, de gerânio, e daquela doçura, por assim dizer wagneriana, de júbilo, que tanta nobreza confere à festividade. Mas, mesmo para além dos raros minutos como esses em que bruscamente sentimos a entidade original estremecer e retomar a sua forma e o seu cinzelado no seio das sílabas hoje mortas, embora no turbilhão vertiginoso da vida corrente, onde já só têm uma utilização totalmente prática, os nomes tenham perdido toda a cor, como um pião prismático que gira depressa de mais e parece cinzento, em contrapartida, quando, na imaginação sonhadora, reflectimos e procuramos, para voltar ao passado, afrouxar, suspender o movimento perpétuo para que somos arrastados, a pouco e pouco tornamos a ver surgir, justapostas mas inteiramente distintas umas das outras, as colorações que um mesmo nome nos apresentou sucessivamente ao longo da nossa vida.

Não sei, é certo, que forma se recortava diante dos meus olhos nesse nome Guermantes, quando a minha ama me embalava com aquela velha canção: *Glória à Marquesa de Guermantes* — ignorando de certeza, tanto como eu hoje ignoro, em honra de quem fora composta —, ou quando, alguns anos mais tarde, o velho marechal de Guermantes enchia a minha criada de orgulho quando parava nos Campos Elísios e dizia: «Que lindo menino!», ao mesmo tempo que tirava uma pastilha de chocolate de uma caixa de bombons de bolso. Esses anos da minha primeira infância já não existem em mim, são-me exteriores, nada posso saber deles a não ser, como do que aconteceu antes do nosso nascimento, pelo que os outros contam. Mas, sucessivamente, encontro mais tarde, na duração em mim desse mesmo nome, sete ou oito figuras diferentes; as primeiras eram as mais belas: a pouco e pouco, o meu sonho, forçado pela realidade a abandonar uma posição insustentável, de novo se entrincheirava um pouco aquém até ser obrigado a recuar outra vez. E, ao mesmo tempo que mudava a senhora de Guermantes, mudava a sua residência, também ela saída desse nome fecundado de ano para ano por esta ou aquela palavra ouvida que me modificava as fantasias; essa residência reflectia-as nas suas próprias pedras, que se tornavam reflectoras como a superfície de uma nuvem ou de um lago. Um torreão sem espessura, que não passava de uma faixa de luz alaranjada e do alto do qual o senhor e a sua dama decidiam da vida e da morte dos seus vassalos, dera lugar — mesmo na extremidade daquele «lado de Guermantes» onde, em tantas tardes belíssimas, eu seguia com os meus pais o curso do Vivonne — a uma terra caudalosa onde a duquesa me ensinava a pescar trutas e a conhecer o nome das flores de

cachos violáceos e encarniçados que enfeitavam os muros baixos das tapadas das proximidades; além disso, esta fora a terra hereditária, o poético domínio em que aquela altaneira raça dos Guermantes, como uma torre a amarelecer e carregada de florões atravessando as idades, se erguia já sobre a França, quando o céu estava ainda vazio nos locais onde mais tarde haveriam de surgir Nossa Senhora de Paris e Nossa Senhora de Chartres; quando no cimo da colina de Laon a nave da catedral ainda não poisara, como a Arca do Dilúvio no cume do monte Ararat, cheia de Patriarcas e de Justos ansiosamente debruçados das janelas para ver se a cólera de Deus se aplacara, levando em si as espécies dos vegetais que irão multiplicar-se sobre a terra, a transbordar de animais que até pelas torres se escapam, onde os bois, passeando tranquilamente no telhado, contemplam do alto as planícies de Champagne; quando o viajante que saía de Beauvais ao fim do dia não se via ainda seguido pelas asas negras e ramificadas da catedral, rodopiando desdobradas sobre a tela de ouro do poente. Esse Guermantes era como o cenário de um romance, era uma paisagem imaginária que tinha dificuldade em imaginar e o maior desejo de descobrir, encravada no meio de terras e de estradas reais que de súbito se impregnariam de particularidades heráldicas, a duas léguas de uma estação ferroviária; lembrava-me dos nomes das localidades próximas como se estivessem situadas no sopé do Parnaso ou do Hélicon, e pareciam-me preciosas como as condições materiais — em ciência topográfica — da produção de um fenómeno misterioso. Revia as armas pintadas nos envasamentos dos vitrais de Combray e cujos quartéis se haviam enchido, século a século, de todos os senhorios que, por casamento ou aquisição, esta ilustre casa fizera voar para si de todos os cantos da Alemanha, da Itália e da França: terras imensas do Norte, cidades poderosas do Sul, que tinham vindo juntar-se e conciliar-se em Guermantes e, perdendo a sua materialidade, inscrever alegoricamente os seus baluartes de sinople ou os seus castelos de prata no seu campo de azul. Ouvira falar das célebres tapeçarias de Guermantes e via-as, medievais e azuis, um pouco espessas, destacarem-se como uma nuvem sobre o nome amarantino e legendário, ao pé da antiga floresta onde tantas vezes caçou Childeberto, e parecia-me que, como numa viagem, haveria de penetrar nos segredos desse subtil fundo misterioso das terras, nesses longes dos séculos, bastando abeirar-me por um instante em Paris da senhora de Guermantes, suserana do lugar e dama do lago, como se o seu rosto e as suas palavras houvessem de possuir o encanto local das matas e das ribas e as mesmas particularidades seculares do velho direito consuetu-